

*Dr. Antonio Pimentel with the compliments  
of Orville A. Derby*

A

# Costa Nordeste do Brasil

— NA —

Cartographia Antiga

— POR —

Orville A. Derby

(Extrahido do Livro do Tricentenário do Ceará)

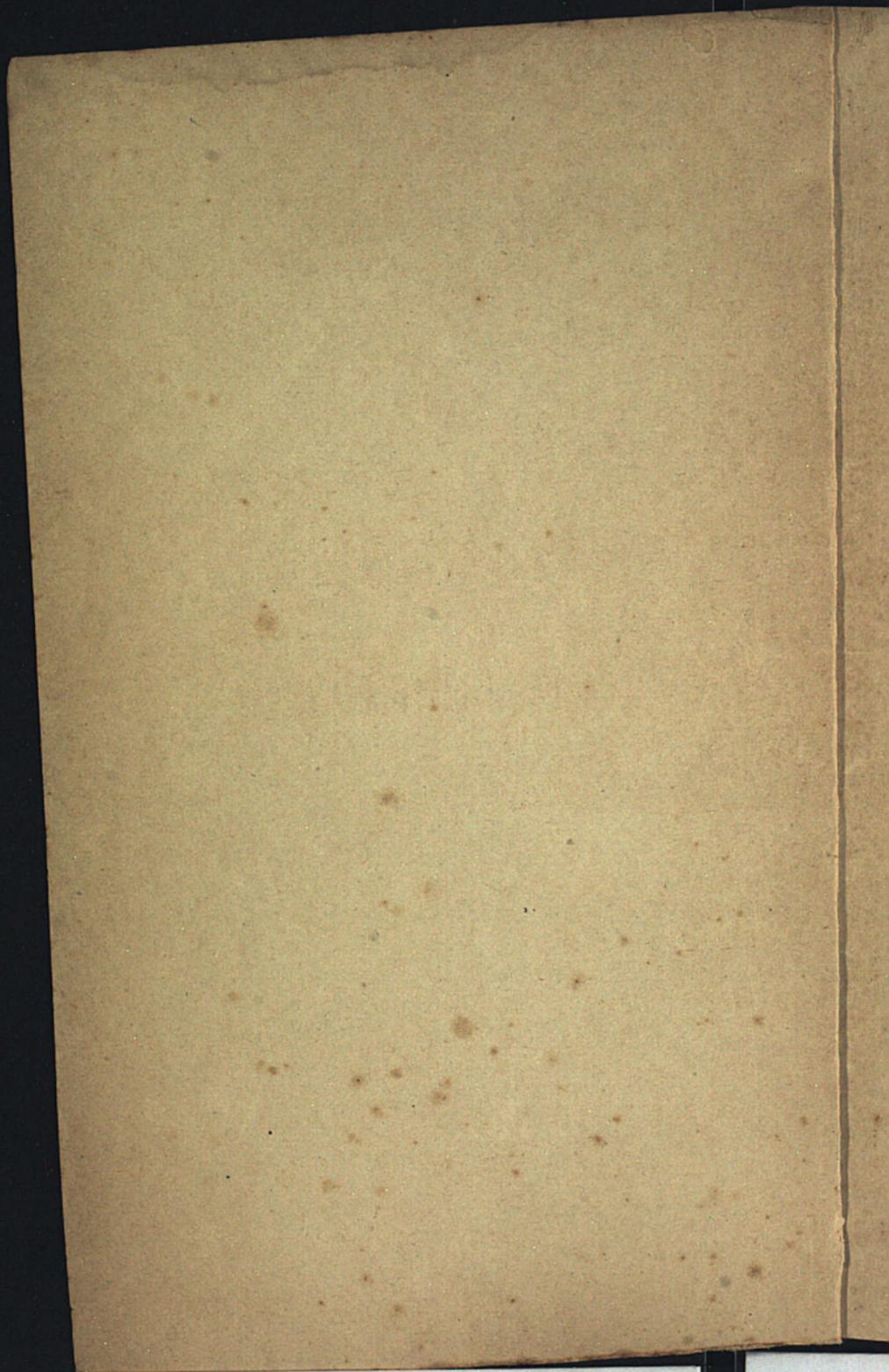


CEARÁ

TYP. MINERVA, DE ASSIS BEZERRA

1903.

.12  
8c



A COSTA NORDESTE

— DO —

BRASIL NA CARTOGRAPHIA ANTIGA.

4193

YAN

918.12

) 428c

A. C. ...  
BRASIL NA CARTOGRAFIA ANTIGA

Do Livro do Tricentenario do Ceará.

A COSTA NORDESTE

~ DO ~

## BRASIL NA CARTOGRAPHIA ANTIGA.

**A** PUBLICAÇÃO do grande atlas contendo reproducções de quasi todos os mappas antigos conhecidos do Brasil que accompanha a exposição ao arbitro pelo illustre Barão do Rio Branco sobre a questão de limites da Guyana tornou possível, pela primeira vez no Brasil, o estudo da cartographia antiga deste paiz. Applicando-me a este estudo num recente trabalho intitulado « Os Mappas mais antigos do Brasil », publicado no vol. VII da Revista do Instituto Historico de São Paulo, verifiquei a possibilidade de ampliar e corrigir os escassos dados escriptos relativos á primeira epocha da historia brasileira, e, convidado pelo operoso Barão de Studart para concorrer na commemoração do primeiro povoamento do actual Estado do Ceará, pareceu-me corresponder melhor ao seu patriotico intuito fazendo um estudo semelhante do trecho da costa que interessa aquelle Estado. Tanto geographica como historicamente, este trecho se limita ao sul no Cabo Santo Agostinho e ao norte na foz do Amazonas e a elle será exclusivamente dedicado o presente estudo.

No referido trabalho tratei ligeiramente deste trecho analysando o mappa de Juan de la Cosa datado de 1500, no qual vem a sua primeira representação conforme dados provenientes das explorações de Vicente Yanez Pinzon e Diego de Lepe, effectuadas neste mesmo anno. Proponho-me agora a estudal-o mais detalhadamente neste precioso documento e nos mappas que a elle succederam.

41  
O exame attento do mappa de Juan de la Cosa indica que o autor teve informações minuciosas relativas ao trecho da costa que vai de um ponto no tanto ao oeste do cabo São Roque até a foz do Orinoco, onde começaram as suas proprias observações como membro da expedição Hojeda de 1499. A configuração relativamente boa deste trecho, a presença de nomes, e a collocação debaixo do equador da grande indentação que indubitavelmente representa a foz do Amazonas indicam quasi com absoluta certeza que esta parte do mappa foi copiada de um mappa anterior (um prototypo na phrase de HARRISSE) baseado nas observações de um ou mais dos primeiros navegantes que a tinham percorrido. O ponto onde começou este prototypo é claramente indicado pelo começo da nomenclatura em frente da figura de uma nau hespanhola, pela inscripção referente a Pinzon, e pelo caracter perfunctorio do desenho ao sul da inflecção da costa, que representa o Cabo São Roque.

A julgar exclusivamente pelo mappa a configuração caracteristica da costa nas immediações deste cabo foi reconhecida por um dos primeiros descobridores, mas este só aportou ao oeste deste ponto na barra de um rio cujo nome ficou infelizmente destruido por um rombo no papel do mappa. A primeira letra deste nome é um S que parece indicar uma denominação tirada do calendario. Segue uma serie de 16 nomes até um outro rombo no papel, indicativa de um exame bastante minucioso da

costa, á qual foram applicadas denominações que pela maior parte são simplesmente descriptivas. Entre estas a mais significativa é— « r.<sup>o</sup> de sefalluacruz » (de se achou uma cruz), que indica que o autor deste nome foi precedido por um outro christão. O unico nome nesta serie que não é descriptivo é « C.<sup>o</sup> de stm.<sup>a</sup> » (Cabo de Santa Maria) tirado do calendario e provavelmente indicativo de uma data, sendo para notar (como HARRISSE já observou) que pertence a um grupo de nomes escriptos por mão diversa da do resto do mappa. Adiante desta primeira serie de nomes um grande rombo no papel, em posição que inclue o do golpho de Maranhão, tem, talvez, destruido alguns outros nomes. Em seguida vem um trecho consideravel de costa sem nomes mas com uma pronunciada feição topographica no desenho, na forte indentação que presumivelmente representa a foz meridional do Amazonas, ou Rio Pará. Outra indentação com um grupo de seis nomes e collocado debaixo do equador representa indubitavelmente a foz principal do Amazonas assignalada pelos nomes de « g.<sup>o</sup> de Stm.<sup>a</sup> » (Golpho de Santa Maria) e « elmacareo » (pororóca).

A conclusão que se pode tirar do estudo deste mappa é que este trecho da costa foi reconhecido por dois exploradores e posteriormente representado por Juan de la Cosa conforme um prototypo baseado nas observações de um ou de outro (ou ambos, conjunctamente) dos quaes o segundo registrou o encontro de uma cruz fincada pelo primeiro. Estes exploradores, ou um delles, parece ter avistado a costa nas proximidades do Cabo São Roque, tanto que percebeu a sua inflecção para o sul, mas só aportou ao oeste deste cabo, donde seguiu costeando muito proximo a terra n'um primeiro trecho, notando e nomeando todas as suas minudencias, para depois passar mais ao largo até encostar de novo na foz do Amazonas.

Um outro mappa quasi contemporaneo do de Juan de la Cosa e presumivelmente baseado nos resultados das mesmas explorações é o organizado em Lisboa no anno de 1502 por ordem de Alberto Cantino. No referido estudo, em que vem reproduzida a parte sulamericana deste mappa, apresentei motivos para acreditar que este fosse, em grande parte, confeccionado por informações colhidas entre os marinheiros encontrados no porto de Lisboa, e sem mappas anteriores á vista. Assim na costa sul do Brasil ha indicados de informações pouco detalhadas relativas á expedição portugueza de 1501, tendo o autor por sua conta e risco substituído o nome de « Cabo São Roque », dado por essa expedição, por o de « Cabo de S. Jorge », provavelmente em commemoração da data da descoberta de Porto Seguro por Cabral.

No trecho que interessa o presente estudo o mappa de Cantino é despido de detalhes e nomes, salvo dois grandes golphos que parecem representar o de Maranhão e a foz do Amazonas. O primeiro tem a inscripção de « Canabales, Golfo fermoso »; e o segundo a de « rio grande » e, em frente, « todo este mar é agua doce ». Dahi se conclue que um dos exploradores de 1500 entrou no golpho do Maranhão e ali teve um encontro com os indios.

Na configuração da costa o mappa de Cantino dá o rumo de N. O. ao trecho entre Cabo São Roque e a foz do Amazonas fazendo esta cahir bastante ao norte do equador, defeito este que apparece em muitos dos primeiros mappas, especialmente os impressos em Allemanha, que evidentemente tiveram como prototypo este mappa de Cantino, ou algum d'elle derivado.

O mappa que vem reproduzido no texto da segunda memoria do Barão do Rio Branco (p. 84), onde é attribuído ao Conde Ottomano Freducci e ao anno de 1514 ou 1515, parece indicar uma nova exploração desta costa. Para o trecho ao sul do Cabo São

Roque o prototypo deste mappa era evidentemente uma copia simplificada do mappa portuguez de 1502, ou algum semelhante a elle; e para o trecho ao norte do Amazonas um hespanhol, semelhante ao dos mappas de Maiollo, de Turim e de Diego Ribeiro que vem mencionados em baixo e que não era o de Juan de la Cosa. O trecho intermediario, porem, apresenta um caracter especial que tanto podia ser portuguez como hespanhol. Entre os quatro nomes deste trecho o « c. negro » faz lembrar o « r. negro » e « m. negro » do mappa de Juan de Cosa, porem « maranon », « rio fresco », « c. blanco » e « paricura » são inteiramente novos. É notavel que o desenho topographico, que em geral é perfunctorio, represente dois rios juntos ao nome Maranon, e uma grande ilha dividindo a desembocadura do Amazonas.

O mappa de Maiollo de 1519 teve evidentemente em substancia os mesmos prototypos que o de Freducci para os trechos ao sul do Cabo São Roque e ao norte do Amazonas, mais um outro para o que nos interessa. Na sua forma italiana é difficil dizer si a sua rica nomenclatura era originalmente portugueza ou hespanhola, mas o emprego, por duas vezes, de « fumos » em logar de « humos » indica a primeira. O ponto extremo do continente figura com o nome de « c. de spicell » (c. de S. Miguel?), estando « São Roque » (s. rôm no mappa) collocado ao sul de um nome novo, « Rio de piedre » que é provavelmente o Rio Goyana. Estes nomes novos de « Cabo de S. Miguel » e « Rio das Pedras » que apparecem ao sul do Cabo São Roque (como os de « Pernambuco » e « Rio das Vertudes » que appareceram quasi simultaneamente em mappas de 1518 e 1523) vem provavelmente de navegantes portuguezes que se dirigiram para o sul do continente; começando ao oeste do Cabo de Spicell do mappa os do novo prototypo da costa nordeste. Entre estes ultimos ha « c. de nigri » e « maralion » que são provavelmente

idênticos com o «c. negro» e «maranon» do mappa de Freducci, bem que este ultimo esteja afastado para o leste da feição no desenho que indubitavelmente representa o golpho de Maranhão. Desembocando neste ultimo ha um «Rio de pe.<sup>to</sup>» que, como o de «cauo corco», é nome significativo ao qual voltaremos mais adiante. E' para notar que no seu outro mappa de 1527 Maiollo emendou a nomenclatura da costa entre Cabo São Roque e a foz do Orenoco fazendo a corresponder quasi exactamente com a do mappa de Freducci do qual elle evidentemente tomou conhecimento neste intervallo de tempo.

Um outro mappa italiano, conhecido pelo nome de «Mappa de Turim» e attribuido ao anno de 1523, traz uma rica nomenclatura differente da dos precedentes e accentuadamente de origem portugueza. Entre 24 nomes no trecho em questão, apenas dois (c. negro e rio dos fumos) apresentam semelhança com os do mappa de Maiollo. O desenho topographico é perfunctorio estando o golpho de Maranhão indicado por uma ligeira indentação com o nome de «Golfo claro», e a foz do Amazonas sem denominação especial, bem que destacada no desenho e com o nome característico de «costa de paricura» na margem septentrional.

O mappa de Diego Ribeiro, Cosmographo Real da Hespanha, de 1529 traz a declaração expressa que a costa entre o Rio Dulce (Orenoco) e o Cabo São Roque nada têm de proveito, e que tendo sido costeada uma ou duas vezes logo depois da descoberta das Indias (America) não se voltou a ella. Esta declaração indica que na repartição hespanhola official (Casa de la Contratacion de Sevilha) especialmente encarregada de reunir informações sobre novas viagens e descobertas, se ignorava (ou desprezava) as já conhecidas na Italia em que se baseavam os mapps de Freducci, Maiollo e de Turim.

Conforme esta declaração o prototypo para o trecho aqui considerado deve ser um mappa representando as descobertas de Pinzon e Lepe, mas differente no desenho e na nomenclatura do de Juan de la Cosa. Comparando os dois parece que o segundo identificou o Amazonas (com o nome de Maranhão) com a primeira grande indentação da costa, o Rio Parí (?), do mappa de Juan de la Cosa, reduzindo a segunda a uma bahia cheia de ilhas e com o nome de «furna grande». Assim se explica a collocação errada da foz do grande rio ao sul do equador que persistiu por muito tempo nos mappas hespanhoes (ou derivados d'elles) e introduziu grande confusão na geographia. O golpho de Maranhão, com o nome de «furna», é pouco saliente neste mappa, mas acha-se bem collocado com referencia a foz meridional do Amazonas e figurado com a caracteristica entrada de dois rios no fundo. «C. negro» é o unico nome positivamente identificavel com um dos mappas anteriores inclusive o de Juan de la Cosa. O nome «R. de uicête pison» parece ser uma piedosa lembrança do cartographo introduzida no seu prototypo em commemoração do primeiro descobridor. Outros cartographos, a começar com Freducci, tiveram a mesma lembrança, mas no trecho ao norte do Amazonas, e este uso prevaleceu dando em resultado o bem conhecido embrulho da questão do Oyapock. É para notar neste mappa a falta de nomes caracteristicamente pinzonianos donde se pode, talvez, concluir que o seu prototypo se baseava principalmente na viagem de Lepe.

Os mappas que succederam ao de Diego Ribeiro, a começar com um datado de 1534, indicam a introdução de um novo prototypo para o trecho em questão, de origem portugueza; e, cousa notavel, este serviu por muitos annos para todos os mappas, seja qual fosse a sua origem, hespanhola, portugueza, franceza ou hollandeza. Este, portanto, devia ter sido

baseado n'uma exploração portugueza effectuada entre os annos de 1529 e 1534. Os mappas originaes que se basearam neste prototypo foram: os hespanhoes de Alonzo de Chaves (Padron Real de 1536), Alonzo de Santa Cruz (1542), Sebastião Cabotto (1544), Diego Gutierrez (1550, 1562); os francezes de Nicolas Desliens (1541), Pierre Desceliers (1550); os portuguezes de Gaspar Viegas (1534), Diogo Homem (1558, 1568), André Homem (1559), Lazaro Luiz (1563), Bartholomeu Velho (1564) e Fernão Vaz Dourado (1568, 1571 e 1580), e os hollandezes, em grande numero derivados de um ou outro destes, mas principalmente dos de Gutierrez de 1562 e de Bartholomeu Velho de 1564.

O caracteristico deste prototypo que permite reconhecê-lo em todas as suas reproducções, é o desenho topographico do golpho de Maranhão e dos rios que n'elle desaguam. A nomenclatura é caracterizada pela conservação de uma boa parte dos nomes do mappa de Maiollo (indicando provavelmente que o explorador correu a costa com este mappa, ou um derivado d'elle, em mão) e pela introdução de muitos nomes portuguezes novos entre os quaes é especialmente significativo o de Diogo Leite, que se pode presumir ser o do proprio explorador.

Não tendo á mão o mais antigo destes mappas (o de Gaspar Viegas de 1534) (\*) tomamos como

(\*) Este mappa conservado na Bibliotheca Nacional de Paris é, conforme a nota de HARRISSE (op. cit. p. 599) uma carta nautica representando, na parte brasileira, a costa desde dois ou tres graus ao oeste de Maranhão até cerca de dois graus ao sul do estuario do Prata. Com referencia a elle Ferdinand Diniz (citado por HARRISSE) escreveu — "O Capitão de Fragata Mouchez que tinha sido encarregado pelo governo francez de continuar e aperfeiçoar os trabalhos do Almirante Roussin (levantamento da carta maritima da costa do Brazil) ficou, como eu, admirado da exactidão relativa de tal monumento geographico".

presumivelmente mais completa e exacta a reproducção deste prototypo por Diogo Homem, quanto á nomenclatura, e a de Pierre Desceliers, quanto ao desenho topographico das visinhanças de Maranhão. Este ultimo tambem é interessante por mostrar que apesar de sua data, posterior á viagem de Orellana no Amazonas, o mappa foi desenhado antes deste acontecimento, sendo o rio interpolado (e erradamente) num desenho que figurava uma linha continua para a costa ao norte do golpho de Maranhão. A mesma interpolação, mas feita mais geitosamente, se nota no mappa de Desliens, ao passo que Alonzo de Santa Cruz (e indubitavelmente Alonzo de Chaves tambem no seu perdido Padrão Real), não conhecendo o Amazonas de Orellana, ajustaram o novo prototypo nos mappas antigos com a suppressão do Amazonas, identificando o «Rio de la Mar Dulce» de Pinzon (ao qual os hespanhoes tinham applicado o nome «Maranon») com o golpho deste nome dos cartographos italianos e do novo explorador portuguez. Outros cartographos hespanhoes (Cabotto e Gutierrez) resolveram a difficuldade estropiando o desenho e a nomenclatura no novo prototypo ao oeste de Maranhão. Dahi resultou a confusão, a discordancia nos mappas que tanto deu que falar na questão de Amapá, sem que fosse descoberta a sua origem, por faltar o Padrão Real de Alonzo de Chaves, donde procedeu. A recente publicação na Suecia do mappa de Alonzo de Santa Cruz, que é essencialmente uma reproducção do Padrão Real, esclarece perfeitamente o assumpto, mostrando que num grupo de mappas anteriores á viagem de Orellana houve a suppressão total do Amazonas que depois teve de ser restaurado atropelladamente.

Em vista das circumstancias acima apontadas, temos escolhido para reproducção os mappas de Diogo Homem, Desceliers e Alonzo de Santa Cruz.

Os outros dão modificações mais ou menos variadas do mesmo thema.

Impressiona no estudo deste prototypo o modo minucioso, relativamente exacto, por que se acha representada a hydrographia do golpho de Maranhão (muito superior, por exemplo, à representação dada pelo afamado Sebastião Cabotto á da bacia do Prata, onde esteve por quatro annos) e a introdução nesta região de um grupo de nomes indigenas dos quaes alguns (Itapicurú e Pindaré) persistem até hoje. Isto parece indicar que o explorador encontrou ali um europeu domiciliado entre os indios e bem familiarizado com os detalhes topographicos da região. Confirma, de algum modo, esta supposição o facto que os unicos outros nomes indigenas se acham agrupados entre Pernambuco e Cabo São Roque onde os europeos tinham estado por alguns annos em contacto com os indios, podendo assim apanhar algumas palavras de sua lingua.

O desenho topographico das reproducções deste prototypo nos mappas de Diogo Homem e Des-seliers é bastante detalhado para permittir a identificação de algumas das feições mais salientes, e, baseado nestas, podemos tentar a dos nomes do modo seguinte, tomando-os do mappa de Diogo Homem, que conservou melhor a sua forma portugueza original.

C. DE S. AGOSTINHO.—Este nome provem da expedição portugueza de 1501, que lhe deu tambem o de «Cabo da Santa Cruz.

PARCAORY.

R. DO EXTREMO.—Na hypothese plausivel que o Pernambuco do mappa fosse situado ao norte da actual cidade, este seria o Rio Capibaribe.

PERNAMBUCO.—O nome na forma de «Pernambua» vem pela primeira vez n'um mappa

portuguez attribuido ao anno de 1518.

R. DAS VIRTUDES.—Provavelmente o canal de Itamaracá.

R. DAS PEDRAS.—Rio Goyana. Este nome appareceu pela primeira vez no mappa de Maiollo de 1519, mas deslocado para o norte. Sebastião Cabotto foi, em 1526, do porto de Pernambuco ao Rio das Pedras para tomar agoa, passando o Rio das Virtudes que aparentemente não prestava para este fim. O nome deste ultimo vem no mappa de Turim de 1523.

S. MIGUELL.—Um outro mappa de Diogo Homem, datado do mesmo anno, tem em logar deste "c. de spichell" que já vem nos mappas de Maiollo e Turim. Deve ser o Cabo Branco ao sul de Parahyba.

R. DE S. DOMINGUOS.—Rio Parahyba.

B. DE PITIACUA DE TREICAM.—Bahia da Traição. O nome provavelmente refere-se a algum acontecimento historico que deve ser anteriormente ao anno de 1536, visto que o mappa de Chaves o tem na forma de "Epitiaca".

OROTAPICA. { —Estes dois nomes na visinhança da  
ORAPL. { actual cidade de Natal são os ultimos de um grupo de nomes indigenas que vem desde o Cabo S. Agostinho, indicando provavelmente que até ahi estenderam-se as relações mais ou menos amigaveis dos brancos com os indios.

TIERRA DE S. ROQUE.—Na visinhança do cabo do mesmo nome.

C. DO PRACELL.—Provavelmente o Cabo Calcanhar.

B. APRACELADA.

P.<sup>a</sup> PRIMEIRA.

B. DE TARTARUGUAS.—Bahia de Aguamaré? O mappa de Desceliers tem um "Grande ba-ya" mas antes da Ponta Primeiraira.

R. DE S. DOMINGOS.—Rio Acú?

R. DANGRA.—Rio Mossoró?

C. CORCO.—Cabo Corso. O nome appareceu pela primeira vez no mappa de Maiollo de 1519 e continuou até o de Brué de 1834 onde é identificado com a Ponta do Retiro Grande entre as barras do Mossoró e Jaguaribe. O mappa de Desceliers dá aqui «Serres de S. Michel», nome este que persistiu até depois da occupação Hollandeza.

B. DOS ARECIFES.

P. DOS FUMOS.—Este nome vem no mappa de Maiollo. E' provavelmente na costa do Aracaty.

C. BRANCO.—Ponta de Mucuripe?

TIERRAS DE S. LUCAS.—Visinhanças de Fortaleza? O nome vem no mappa de Maiollo applicado a um golpho.

M. FERMOZO.

M. DELLI.—"M. dely" no outro mappa de Diogo Homem do mesmo anno: "M. de elli" no mappa de Maiollo. Provavelmente a Serra de Mamanguape. Maiollo collocou junto o nome "Maralion".

G. DOS NEGROS.—Enseada de Ceará? Na mesma região em que vem "r. negro" e "m. negro" no mappa de Juan de la Cosa, O «C. negri» de Maiollo e o "c. negro" de Freducci, Turim e Diego Ribeiro parece ser collo-

T  
C  
T  
R  
C  
B  
C  
P  
R  
R.  
R.  
R.  
G.  
O  
—  
tiv  
na  
rac  
mer  
cion  
diz

cado mais ao oeste nas proximidades do Rio Parnahyba.

P.<sup>a</sup> DOS PRAZERES.

TIERRA DA PESCARIA.

C. DO PALMAR.

R. DO PRACELL.—Rio Acaracú?

R. DA CRUZ.—Este nome parece ter sido conservado até hoje para um dos rios desaguardo na bahia de Camocim. E' provavelmente o "R. das 3 bras" do mappa de Desceliers se bem que este vem adiante do "R. do pracell".

TIERRA DOS FUMOS.

C. DA LOEST.

TIERRA DE S. V.<sup>te</sup>—(Terra de São Vicente).

R. GRANDE.—Rio Parnahyba.

C. DAVISO.

B. DA COBOA.—Bahia da Tutoya?

COSTA BRAVA.—«Coste blanche» no mappa de Desceliers. Costa dos Lenções.

P. DAS CORRENTES.—Ponta Mangaes Verdes?

R. DANOBOM.—(Rio do Anno Bom). "R. de vobon" no mappa de Desceliers: «R. de Naubom» no de Chaves e outros hespanhoes.

R. DO MEO.

R. DOS REIS.

R. DO JOAO DE LIS.<sup>a</sup>—Rio Piriá? ou talvez o Rio Monim.

G. DE TODOS LOS SANTOS.—Bahia de São José, parte meridional do Golpho de Maranhão.

O MARANHAM.\*—Quasi todos os mappas antigos em

(\*) Este modo de empregar o nome é muito suggestivo de um termo topographico. A lingua portugueza tem na sua nomenclatura topographica maritima o termo "O Marachão" que seria muito applicavel nesta costa e que facilmente se transformaria em "O Maranhão". De facto o Dictionario de Moraes cita um autor antigo dando (por erro, diz o lexicographo) "Maranhões" por "Marachões".

pregam este nome deste modo com o artigo *O*, ou simplesmente sem qualificativo algum.

**ABATIMIRIM.**—Este e os quatro nomes seguintes vem no mappa de Desceliers, mas não no de Diogo Homem.

**TAPICORAM.**—Itapicurú.

**ABIUNHAM.**—Este nome vem tambem no mappa de Bartholomeu Velho, mas apparentemente applicado ao Rio Parnahyba.

**CAMICAM.**—«Acencam» num outro mappa de Diogo Homem.

**CABAI.**—Sobre um affluente do rio sem nome que representa o Grajahú. Este affluente representa regularmente o Pindaré e o nome «Pinare» vem na nomenclatura do mappa anonymo da Bibliotheca Riccardiana, dada pelo Barão do Rio Branco. Este ultimo mappa não traz o Amazonas e deve portanto ser anterior ao anno de 1543.

**BAIA.**—Na margem septentrional do Golpho de Maranhão. No mappa de Diogo Homem de 1568 vem «b.<sup>a</sup> grelo» ou «grela». Na mesma posição Vaz Lourado tem «Almadias». Bahia de Itacolumy.

**TIERRA DOS FUMOS.**

**COSTA APARCELADA.**

**R. DE S. MIGUEL.**—«R. de S. Paul» no mappa de Desceliers. Rio Turyassú.

**B. DE DIOGO LEITE.**—Bahia de Turyassú. E' provavel que este nome seja o do descobridor.

**R. DE S. PALOS.**—«R. S. Marcial» no mappa de Desceliers. Rio Maracassumé.

R. DAS BAIXAS.—Rio Gurupy.

COSTA APRACELADA.—O outro mappa de Diogo Homem de 1558 tem ahí «p.<sup>a</sup> da costa suja».

B. DE ILHEU.

COSTA BAIXA.

B. DE S. JOAN.—Bahia de Bragança?

COSTA DESCOBERTA.—Este nome que vem no outro mappa de Diogo Homem é dado como "Coste desconnue" no de Desceliers.

R. DE S. JOAN DAS AMAZONAS.—Rio Pará ou a foz meridional do Amazonas. A ultima parte do nome é evidentemente um accrescimo depois da viagem de Orellana. Neste ponto o mappa de Desceliers emenda o novo prototypo portuguez com um antigo hespanol eliminando o Amazonas e a nomenclatura deste prototypo até as montanhas ao norte do Oyapock. Eliminação semelhante houve nos mappas de Alonzo de Chaves e Alonzo de Santa Cruz.

Ao norte da foz do Amazonas o mappa de Diogo Homem traz a antiga nomenclatura dos mappas hespanhoes misturada com alguns nomes novos (B. de muchas ilhas, R. de Nuno e R. del Casique) que indicam uma nova exploração nesta paragem. Como estes nomes apparecem no mappa da Bibliotheca Ricardiana, esta exploração deve ser anterior ao anno de 1543.

Combinando as deducções que se pode legitimamente tirar do estudo destes mappas com os casos dados que se ~~encontram~~ *encontram* na historia escripta, podemos agora tentar reconstruir a historia do descobrimento e delineação deste trecho da costa. Para este fim nos serviremos, quanto aos dados escriptos,

principalmente dos colleccionados e cuidadosamente averiguados pelo erudito Henrique Harrisse na sua grande obra intitulada "The Discovery of North America".

Vicente Yanez Pinzon sahindo da Hespanha em fins de 1499 avistou um cabo que denominou "Santa Maria de la Consolacion" em fins de Janeiro (20 ou 26 conforme os chronistas, 2 de Fevereiro se o nome indica uma data) de 1500. Dias depois desembarcou e executou actos possessorios, inclusive a fincação de uma cruz, n'um ponto que denominou Rostro Hermoso, talvez por ser no dia 4 de Fevereiro, festa da Veronica, que n'um antigo calendario hespanhol vem com a denominação de Rostro Hermoso. Continuando a viagem Pinzon entrou na foz do Amazonas que denominou "Santa Maria de la Mar Dulce" provavelmente por estar ahi no dia 25 de Março, festa da Annunciação. Entrando algumas leguas no grande rio, que denominou «Marina tábalo», (\*) teve um encontro com os indios. Continuando para o norte deu o nome de «São Vicente» a um cabo que provavelmente passou no dia 4 de Abril, e chegou em Hespaniola a 23 de Junho e a Palos na Hespanha a 30 de Setembro.

O Cabo Santa Maria de Pinzon deve estar relativamente bem collocado no mappa de Juan de la Cosa, e, neste caso, seria algum promontorio ao oeste do Cabo São Roque na costa dos actuaes Estados de Rio Grande do Norte ou Ceará, estando o seu Rostro Hermoso algumas leguas adiante. Varnhagem com certa plausibilidade identificou o Cabo Santa Maria de la Consolacion com a Ponta do Mucoripe e o Rostro Hermoso com a Ponta Jericoácoara.

2/

(\*) Será referencia á pororoca, sendo «Marina tábalo» corruptela de «Marina-tambales (Mar agitado)?

Diego de Lepe sahindo da Hespanha pouco depois de Pinzon, tomou o mesmo rumo e avistou a terra proximamente na mesma paragem donde, aprofando para o leste, acompanhou a costa até perceber a sua inflecção para o sul nas visinhanças do Cabo São Roque, mas, apesar das affirmações dos seus companheiros em contrario, não dobrou este cabo. Virando de bordo foi aportar na foz de um rio que denominou «São Julião», sendo este, talvez, o primeiro nome no mappa de Juan de la Cosa parcialmente destruido no mappa, mas conservando um S inicial. Continuando para o oeste, Lepe encontrou a cruz deixada por Pinzon e entrando no golpho de Maranhão reconheceu que os indios ahi eram antropophagos (veja-se o mappa de Cantino), talvez pela perda de alguns companheiros dos quaes provavelmente um ficou vivo entre os indigenas. Depois, afastando-se da costa de modo a não reconhecer e nomear as suas minudencias, entrou na foz do Rio Pará e na do Amazonas propriamente dito, e, costeando para o norte, veiu se encontrar com Pinzon no golpho de Paria. Antes do dia 9 de Novembro de 1500 Lepe estava de volta na Hespanha, mas, ao que parece, o grosso da expedição tinha voltado alguns mezes antes. Dois companheiros de Lepe, e talvez toda expedição, se achavam em Hespanhola em Fevereiro ou Março de 1500 onde encontraram Juan de la Cosa, que esteve na expedição de Hojeda.

Juan de la Cosa estando na Hespanha, entre os mezes de Junho e Outubro de 1500, no intervallo de duas viagens, organizou o seu celebre mappa, ou mais provavelmente concorreu com a parte americana d'um mappa já feito (em outro estylo e com mais trabalhos na ornamentação) por outrem na parte relativa aos outros continentes. Como Pinzon só chegou á Hespanha em fins de Setembro, é quasi certo que o trecho da costa ao sul do Orenço fosse

desenhado com dados fornecidos por companheiros de Lepe, que tinham chegado em Julho sem o comandante. Assim, como já se deduziu acima pela evidencia interna do proprio mappa, é provavel que este represente essencialmente a configuração e nomenclatura dadas por Lepe, ou mais provavelmente por um dos seus companheiros. Assim se explica a ausencia no mappa dos nomes «Santa Maria de la Consolacion, Rostro Hermoso, Santa Maria de la Mar Dulce, Rio Marina tábalo e o Cabo São Vicente» que no anno seguinte foram empregados na Capitulacion Real para designar a concessão dada a Pinzon, e que indubitavelmente foram fornecidos por elle como característicos da sua descoberta, devendo, portanto, figurar em qualquer mappa inspirado directamente por elle. Comtudo parece provavel que os dois nomes de «Santa Maria» indicam uma revisão do mappa por algum companheiro de Pinzon. Em vista da forma abreviada destes dois nomes e a falta completa dos outros, é pouco provavel que a sua interpolação no mappa já quasi concluido fosse devida ao proprio Pinzon.

Em 1508 Pinzon, em companhia com Juan Dias de Solis, correu, em sentido contrario, esta mesma costa, ou pelo menos uma parte d'ella. Nas noticias reunidas das duas viagens, fornecidas a Pedro Martyr de Anghiera e publicadas, em 1511, na primeira edição das suas Decadas apparecem alguns nomes indigenas, e entre estes no trecho que nos interessa os de «Paricura»(\*), e «Camamoro» applicados ás duas margens do Amazonas.

(\*) Caetano da Silva (L'Oyapoc et l'Amazone, vol. II, p. 381 na edição Rio Branco) cita Baena como authority para a existencia de uma tribu de indios com este nome ao norte da foz do Amazonas. Publicado em 1511 n'uma obra que naturalmente foi com avidez consultada por todos os cartographos, o nome Paracura teve logo entrada na cartographia; parece singular que o seu companheiro, Camamoro, não tivesse a mesma boa fortuna.

E' para notar que Pedro Martyr não empregas-  
se o nome «Maranon» senão nos seus escriptos de  
1516 depois que elle tinha sido pronunciado por dois  
companheiros de Lepe no processo de Diego Colomb  
no anno de 1513. No estado incompleto do mapa  
de Juan de la Cosa, que tem um grande rombo  
onde deve apparecer o golpho de Maranhão, é im-  
possivel dizer se este nome se originou com a ex-  
pedição de Lepe, ou se era apenas corrente entre  
marinheiros, sendo proveniente de alguma outra  
expedição, da qual a historia não tem conservado  
noticia certa. O uso quasi constante entre os map-  
pas antigos de empregar este nome sem qualificati-  
vo («O Maranham» ou simplesmente «Maranhm»  
ou «Maranon») é muito suggestivo de um termo to-  
pographico, como por exemplo «O Porto», «El Fa-  
rallan» etc. A terminologia maritima portugueza tem  
«O Marachão» que seria bem applicado nesta para-  
gem, e que facilmente se transformaria em «Mara-  
nhão» entre pessoal pouco instruido, como eu já o  
disse em nota.

Esta ultima hypothese *de uma outra exped.* parece a mais plausivel.  
A carta de Estevão Froes (\*\*), escripta de Santo  
Domingos em 30 de Julho de 1514 depois de um  
anno de prisão subsequente a uma viagem por  
esta costa, menciona João Coelho, «o da porta da  
cruz visinho da cidade de Lisboa», e Diogo Ribeiro  
como os seus predecessores nesta navegação. O no-  
me «Rio João de Lisboa» que vem no segundo gru-  
po de mappas acima analysados, parece commemo-  
rar o primeiro destes navegantes, e neste caso é

(\*\*) Citada por Varnhagen e dada na integra por Ca-  
pistrano de Abreu no seu folheto intitulado «Descobrimto  
do Brazil e o seu desenvolvimento no seculo XVI», publi-  
cado no Rio de Janeiro em 1883. O nosso «Fernão» dado  
neste folheto foi corrigido para «Estevão» no recente tra-  
balho do mesmo autor publicado no volume do 40 Centena-  
rio do Brazil.

de presumir que fosse fornecido por algum membro da expedição, que tinha ficado nas visinhanças de Maranhão, e que um outro membro da mesma, passando para a Itália, tivesse dado as informações em que se baseou o mappa Freducci de 1514 (?) em que esta visinhança vem representada com detalhes relativamente minuciosos e exactos.

No inquerito de 1513 o piloto Andreas de Morales declarou que tinha feito com as informações de Pinzon e Lepe um mappa desta costa. E' provavel que fosse este (ou um outro organizado nas mesmas condições) que, archivado na Casa de la Contratacion de Sevilha, servira de prototypo para o mappa de Diego Ribeiro de 1529, bem que este não mostre signaes evidentes de ter procedido directamente de qualquer destes primeiros exploradores.

No mesmo inquerito Pinzon identificou o seu Cabo Santa Maria de la Consolacion com o Cabo Santo Agostinho dos Portuguezes, mas é evidente que ahi elle se enganou, ou quiz enganar os outros. E' possivel que fosse outro erro de identificação por parte de outras testemunhas do mesmo inquerito, a do nome «Maranon» com o Mar de Agua Dulce (ou Amazonas) de Pinzon, visto que, a julgar pelos mappas de Freducci e Maiollo, este nome parece ter tido origem independente das expedições de Pinzon e de Lepe.

Conforme os termos da referida carta de Estevão Froes a sua viagem effectuou-se no anno de 1513 em companhia de Francisco e Pero Corso, e em algum ponto da costa houve um encontro hostil com os indios com os quaes se encontrava um certo—Pero Galego.—O nome "Corso" dado a um cabo no mappa de Maiollo parece indicar informações derivadas de algum membro desta expedição, e, sendo assim, é de presumir que o nome «Rio Pero» no mesmo mappa se refere ao Pero Galego da carta.

Nesta hypothese este personagem se achava na região do Golpho de Maranhão, tendo sido ali deixado por qualquer das expedições precedentes.

Um outro navegante portuguez percorrendo a costa em data anterior a 1523 impoz grande numero de nomes novos que por algum modo chegaram ao conhecimento de um cartographo italiano, auctor do assim chamado "mappa de Turim". O facto não vem referido na historia escripta, e como os nomes não passaram deste mappa que só ficou conhecido nestes ultimos annos, esta viagem não constitue contribuição notavel ao conhecimento da geographia da região.

Em 1527 um cartographo anonymo da Casa de la Contratacion de Sevilha (provavelmente Diego Ribeiro, auctor do mappa muito semelhante de 1529) organizou um mappa em que a costa nordeste vem representada conforme os dados archivados naquela repartição, os quaes, conforme declaração expressa de Diego Ribeiro no seu mappa de 1529, provinham exclusivamente das viagens de Pinzon e Lepe. Neste mappa, como no de 1529, o Amazonas vem figurado em posição que corresponde melhor com a foz meridional (ou Rio Pará) do que com a septentrional, a qual ficou reduzida a uma simples enseada com o nome de "Furna Grande", conservando, porém, a sua devida posição debaixo do equador como no mappa de Juan de la Cosa. Ao grande rio assim deslocado para o sul foi applicado o nome de "Maranhom" no mappa de 1527 e de «Maranon» no de 1529, sendo que esta primeira forma é muito suggestiva de uma origem portugueza. Em ambos os mapas o Golpho de Maranhão, com o seu caracteristico fundo bifido, figura na posição conveniente com o nome de «Furna»

Em 1531, conforme as investigações de Varnhagen (Hist. Ger. do Braz, 2.<sup>o</sup> edic. I, pag. 117), Diogo Leite, official portuguez, explorou a costa entre Per-

nambuco e a foz meridional do Amazonas, e é provavelmente a este que se deve attribuir o novo typo de mappa que, como vimos acima, entrou na cartographia entre os annos de 1529 e 1534. Seja quem for o autor deste trabalho, é certo que entre estas datas houve um levantamento topographico inteiramente novo, e de grande merecimento, deste trecho da costa, feito por pessoa que dos mappas anteriores só aproveitou a nomenclatura do de Maiollo, ou um outro semelhante. E' igualmente certo que este explorador se demorou bastante nas visinhanças de Maranhão para reconhecer e representar de modo verdadeiramente admiravel as suas feições topographicas mais salientes, e para apanhar diversas denominações, indigenas, ou o que é mais provavel, encontrou ahi uma pessoa habilitada por longa residencia a lhe fornecer estas informações. O "Pero Galego" mencionado por Estevão Froes, se ainda vivesse, estaria nestas condições e não é muito arriscada a hypothese que fosse este o informante. Seja como for, alguém antes de 1536 forneceu aos cartographos elementos para representar a bacia hydrographica de Maranhão de modo a apresentar contraste notavel com as grotescas representações das do Prata e do Amazonas, baseada esta nas explorações de um Orellana e aquella nas de um Sebastião Cabotto.

A mallograda tentativa de Ayres da Cunha em 1536-38 de colonisação no Maranhão não deixou vestigios na cartographia, a não ser que o nome «Ascensão» nos mappas de Diogo Homem e Desceliers seja interpolação, no seu prototypo, de uma denominação dada por esta expedição. Na historia escripta, porem, consta que o nome dado á povoação que se tentou estabelecer era «Nazareth».

Cerca de 1560 os cartographos começaram a tentar a representação do interior do continente supprindo com rasgos de imaginação a falta de dados

positivos. Diego Gutierrez figurou um grande rio ligando, atravez do continente, o Lago Titacaca com o golpho de Maranhão, duplicando assim o Amazonas de Orellana: Bartholomeu Velho, no seu mappa de 1564, representou um grande lago (Eupanã) central donde se derivava para o sul o Paraguay, para o norte e entrando no Amazonas o «Paraa» (representando regularmente o Tocantins) e para o leste dois rios entrando no São Francisco (regularmente figurado, mas ligado ao Paraná), que se bifurcava para a costa de Maranhão pelo rio «Abiunhao» (Paranahyba) e para a de Sergipe pelo rio «Reall».

O mappa de Gutierrez, impresso em Amsterdam no anno de 1562, teve enorme repercussão e serviu de prototypo para uma alluvião de mappas caracterisados por um duplo Amazonas, publicados pelas grandes casas editoras hollandezas de Ortelius, Mercator, etc. A concepção egualmente arrojada de Bartholomeu Velho (reproduzida, quanto a hydrographia do interior do continente, por Vaz Dourado) teve entrada mais demorada na cartographia na qual foi introduzida em 1585 por Jan van Doet, cujo mappa é essencialmente uma reproducção do de Bartholomeu Velho o qual só ultimamente ficou conhecido no original. Estes dois typos de mappa, reproduzidos e modificados *ad infinitum*, dominaram a cartographia até 1625 quando Jean de Laet, na primeira edição da sua grande obra sobre o Novo Mundo, a reformou radicalmente introduzindo, baseado em roteiros maritimos portuguezes e em explorações hollandezas, a configuração que, melhorada mas não essencialmente modificada, tem persistido até hoje. Faltam-me elementos para analysar devidamente este ultimo grupo de mappas que aliás offerece um interessante assumpto para estudo futuro.

São Paulo.

ORVILLE A. DERBY.



Est. I

JUAN DE LA COSA (1500)

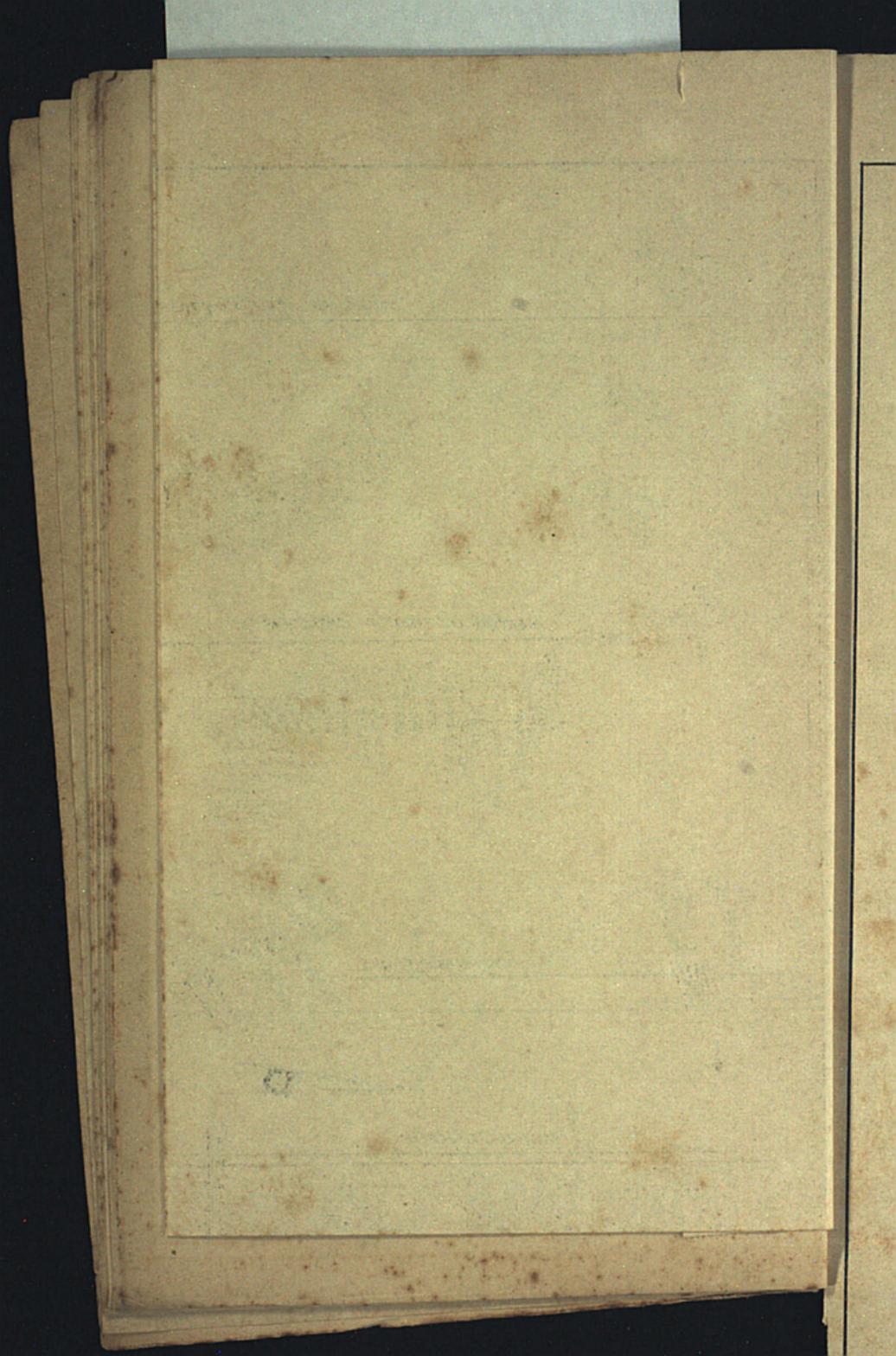
(FREDUCCI (1514 OU 1515)

ALONZO DE SANTA CRUZ (1542)

DIBGO RIBEIRO (1529)

CANTINO (1502)

MAIOLLO (1519)







# RELATORIO

DA

## COMMISSÃO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA

DA

Provincia de São Paulo



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA A VAPOR DE JORGE SECKLER & COMP.

1889

1782